

Revista *Latusa*, nºs 4/5
Escola Brasileira de Psicanálise
Rio de Janeiro
2000

Latusa

Vera Lopes Besset

Latusa é uma publicação regular da Seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano. Reúne textos de psicanalistas filiados a esta instituição, refletindo o trabalho nela desenvolvido, mas recebe igualmente contribuições de outros autores, nacionais e estrangeiros. Privilegia temas relevantes da clínica, buscando promover o debate sobre questões atuais de interesse para os psicanalistas. Sua última edição, reunindo os números 4 e 5, tem como tema a *angústia*, fundamental na psicopatologia. Diante da angústia, que escapa à palavra, o psicanalista convida o sujeito a falar. Proposta ousada e (ainda) revolucionária, num tempo em que a *clínica do medicamento* promove o apagamento da angústia, trazendo a ameaça de desaparecimento da dimensão desejante, propriamente subjetiva, que faz a singularidade do humano. *Não recuar diante da angústia* talvez seja o desafio atual imposto ao psicanalista pelos avanços da ciência e da tecnologia, no contemporâneo. É o que faz, com os meios a seu dispor, a revista *Latusa*, trazendo à luz contribuições que demonstram a reflexão instigante de seus vários autores.

São inúmeros textos, dezessete artigos e um ensaio, que têm em comum, além da referência à clínica, a qualidade da escrita e da reflexão. Dados os limites dessa resenha, uma escolha se impõe, necessariamente arbitrária, atrelada a meus interesses atuais de pesquisa. Espero, de todo modo, contribuir para despertar alguma curiosidade que possa remeter os leitores à publicação original. Inicialmente, entre os textos que articulam filosofia e psicanálise, destaco o ensaio de Bernard Baas, *A Angústia e a verdade*. Nele, o autor promove um animado debate, confronto de idéias entre a filosofia e a psicanálise, valendo-se das concepções de Kierkegaard, Heidegger, Freud e Lacan, que enfatizam as relações entre a angústia e a verdade. Alguns autores articulam os fenômenos do estranho (*Unheimlich*), e o da angústia. Marcus André Vieira, no artigo *A inquietante estranheza: do fenômeno à estrutura*, demonstra que o *estranho* não coincide com a angústia, relevando a incidência clínica desta distinção teórica. Angela Folly Negreiros, em *Um corpo enigmático*, desenvolve uma discussão exemplar da articulação viva entre teoria e clínica a partir de um caso clínico no qual a angústia de uma mulher se manifesta no estranhamento do corpo próprio. Dois trabalhos discutem a questão do pânico, *nova* forma de apresentação da angústia. Carlos Augusto Nicéas, em *Pânico e angústia*, propondo um diálogo com a psiquiatria, sublinha o fato da *clínica do medicamento* concorrer para que o sujeito permaneça sem saber sobre seu sintoma. Tânia Coelho dos Santos discute, em *De que desejo do Outro a angústia é o sinal?*, à luz de um caso clínico, as relações entre a angústia, o desejo e o gozo, relacionando as patologias contemporâneas a um declínio da função paterna. Em uma articulação da psicanálise com a medicina, Sara Fux, em *Sobre a dor*, busca nos escritos freudianos os elementos para delimitar a especificidade da *dor física*, apontando a autonomia do sofrimento do corpo em relação ao sofrimento da neurose, *desprazer*. A autora se vale dessa reflexão para fazer uma interessante aproximação, relevante para a clínica, entre a dor e a angústia: ambas são sinal e não enganam quanto à natureza do perigo.

Registramos, por outro lado, *A angústia e o nada: Freud e Heidegger*, em que Maria Angela Maia fala do desamparo como a condição radical do ser, a partir do trauma, como vivência de *dor*. Em *Sobre a angústia em Freud*, Grazielle Maia traz um percurso na teoria freudiana da angústia. Em *A angústia de Hans e o amor perdido de Max Graf*, Ana Martha Wilson Maia discute alguns aspectos da biografia do paciente de Freud. Em *A angústia em O Seminário, livro 4: a relação de objeto*, Mônica Rollo discorre sobre a fobia. *A angústia e os limites da interpretação*, de Márcia Botelho de Souza, discute as relações entre a angústia e o gozo. Em *Simbolicamente real*, Sônia Vicente concebe a angústia como uma das faces do gozo. *S (A/)*, de Celso Rennó Lima, traz a questão da angústia no percurso do tratamento. *Angústia e final de análise*, de Ana Lúcia Ribeiro, aborda as relações entre a angústia e a fantasia. *Hamlet: do saber sem ato ao saber em ato*, de Ricar-

do de Sá, trata do ato analítico. Apresentando o fenômeno do estranho como similar à angústia, temos *O ex-sistencial da angústia*, de Gilsa F. Tarré de Oliveira e *A morada no Outro*, de Vanda Assumpção Almeida. Em *Um ódio sem limite*, Maria Inês Lamy se apóia em heróis trágicos para pensar amor e ódio. Por fim, na *Seção Clínica*, temos *Hipertireoidismo, um caso de excessos*, em que Maria Aparecida Telles Bueno traz uma interessante discussão sobre uma paciente com problemas psicossomáticos.

Resta assinalar o acabamento impecável desta edição de *Latusa*, que exhibe em sua capa um primoroso desenho de Regina de La Rocque Mendes, um *louva-deus*, referência a uma passagem do *Seminário X* de Lacan, sobre a angústia.